

Preservação do meio ambiente agora dá lucro

NEGÓCIO Usina São José se antecipa a mudanças legais e compra 1.069 hectares apenas para manter como está. É o "ativo ambiental"

Angela Fernanda Belfort
abelfort@jcc.com.br

A usina São José comprou 1.069 hectares de uma área em Abreu e Lima que se estende até Aldeia, em Camaragibe, e pretende manter a nova propriedade como um "ativo ambiental". Ou seja, a terra foi adquirida para continuar como está. "Acreditamos que a legislação ambiental tende a remunerar quem preserva o meio ambiente", explica o diretor da empresa, Frederico Petribú Vilaça. Ele estava se referindo às mudanças na legislação ambiental que devem entrar em vigor com o Novo Código Florestal.

"Acreditamos que a nova lei pode estabelecer que as empresas - aquelas que não possuem uma área de preservação ambiental - tenham que arrendar uma área a um terceiro. E aí podem surgir novos negócios", diz, acrescentando que uma das formas de proteger o meio ambiente é dar um valor econômico a esse bem.

Frederico não revela o valor da transação financeira realizada para adquirir o terreno que pertencera a um banco incorporado pelo Bradesco. Comprada em novembro último, uma parte da mata fica próxima à Estrada de Aldeia. Para o leitor ter uma ideia do tamanho, um hectare corresponde a 10 mil metros quadrados e o terreno todo tem 1.069 hectares.

"Está tudo muito recente, não é uma floresta primitiva, porque ela deve ter sido devastada em algum momento, mas existem árvores com 50 anos

de vida", descreve o coordenador de gestão ambiental da empresa, o biólogo Roberto Siqueira. Pela localização, a área já foi ocupada por Mata Atlântica. Mais de 90% dessa área é mata, segundo Frederico.

Tanto o biólogo como o diretor da empresa argumentam que, além da questão ambiental, manter a área com a floresta trará outros benefícios ao negócio principal da empresa. "Isso gera um equilíbrio para a produção, com a conservação das nascentes de água", conta Frederico.

Localizada em Igarassu, a Usina São José tem 16 mil hectares plantados com cana-de-açúcar e mais de 8 mil hectares preservados com árvores, incluindo as terras compradas recentemente. "Esta área de preservação está dividida em vários blocos", comenta Frederico.

A empresa também faz parcerias com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Organizações Não Governamentais (ONGs) que estudam as espécies animais e vegetais encontradas na área de preservação. "Essas parcerias já geraram mais de 72 pesquisas na mata da empresa, que tem mais de 1.200 espécies vegetais", afirma Siqueira.

Na atual safra, a companhia deve moer 1,3 milhão de toneladas de cana, das quais cerca de 1 milhão são cultivadas pela usina. O restante é comprado aos fornecedores. Durante a moagem, a usina emprega 5.300 trabalhadores, enquanto na entressafra a folha de pessoal tem 3 mil funcionários.

Usina iniciou as atividades há cem anos

A Usina São José iniciou suas atividades como indústria em 1911, conta o diretor da empresa, Frederico Petribú Vilaça. O primeiro nome da usina foi Coelho, em homenagem aos seus fundadores, Joaquim Coelho Leite e José Joaquim Coelho Pereira, segundo os registros da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Na época, o Estado dava uma concessão para que os empreendedores implantassem o empreendimento.

Em 1917, a usina foi vendida à empresa Bandeira & Irmãos, que iniciou um processo de expansão da companhia, chegando ao final da década de 20 com 14 propriedades agrícolas e capacidade de processar 600 toneladas de cana-de-açúcar numa safra, de acordo com informações da Fundaj.

Nos anos 40, teve uma alteração societária, passando a pertencer a Alfredo Bandeira & Cia. Na década de 50, a usina foi do empresário José Ermírio de Moraes.

"A empresa tem 52 anos com o nome São José", lembra Frederico, cuja família adquiriu a companhia em 1995. Em 2001, a holding da família Petribú se dividiu em dois grupos e a São José ficou com o grupo Cavalcanti Petribú.